

A teia literária de culturas políticas do século XIX: o caso de Maria Firmina dos Reis e o lugar da mulher na sociedade oitocentista do Brasil

Benigna Ingrid Bezerril*

Resumo

Maria Firmina dos Reis foi uma escritora e professora nascida no Maranhão no século XIX conhecida por seus temas antiescravistas e pelas críticas ao lugar da mulher na sociedade do século XIX. O presente artigo analisa a voz feminina de Maria Firmina dos Reis no meio literário, buscando perceber a partir de suas ideias diretas e de representações de personagens femininas possíveis leituras da sociedade da época no tocante ao lugar das mulheres em tal conjuntura.

Palavras-chave: Maria Firmina dos Reis; mulheres; cultura política.

277


* Graduada em História (Licenciatura) e Mestra pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: ingred.bezerril@outlook.com.

The literary web of 19th century political cultures: the case of Maria Firmina dos Reis and the place of women in the Brazilian society of 19th century

La red literaria de las culturas políticas del siglo XIX: el caso de María Firmina dos Reis y el lugar de la mujer en la sociedad brasileña del siglo XIX

Abstract

Maria Firmina dos Reis was a writer and teacher born in Maranhão in the 19th century known for her anti-slavery themes and criticism of the place of women in 19th century society. This article analyzes the female voice of Maria Firmina dos Reis in the literary world, searching to understand, from her direct ideas and representations of female characters, possible readings of society at the time regarding the place of women at that juncture.

Keywords: Maria Firmina dos Reis; women; political culture.

Resumen

Maria Firmina dos Reis fue una escritora y docente nacida en Maranhão en el siglo XIX conocido por sus temas contra la esclavitud y sus críticas al lugar de la mujer en la sociedad del siglo XIX. Este artículo analiza la voz femenina de Maria Firmina dos Reis en el mundo literario, buscando comprender, a partir de sus ideas directas y representaciones de personajes femeninos, posibles lecturas de la sociedad de la época sobre el lugar de la mujer en esa coyuntura.

Palabras clave: María Firmina dos Reis; mujer; cultura política.



No ensaio *Um Teto Todo Seu*, publicado pela primeira vez em 1929, Virginia Woolf traz reflexões sobre as mulheres no mundo da ficção ou sobre a ausência delas. Woolf, ao refletir sobre a condição das mulheres até o século XIX e qual relação de tais condições com as bibliotecas fantasmas de escritos por e sobre essas mulheres, traz a discussão sobre como a mulher era representada na literatura sob a ótica dos homens:

O professor Trevelyan só está dizendo a verdade quando observa que as mulheres de Shakespeare não parecem carentes de personalidade e caráter. Não sendo historiadores, podemos até ir mais longe e dizer que as mulheres brilharam como fachos luminosos em todas as obras de todos os poetas desde o início dos tempos – Clitemnestra, Antígona, Cleópatra, Lady Macbeth, Fedra, Créssida, Rosalinda, Desdêmona e a duquesa de Malfi, entre os dramaturgos; entre os prosadores, Millamant, Clarissa, Becky Sharp, Ana Karênina, Emma Bovary, Mme de Guermites -, os nomes afluem à mente em bandos, e não lembram nem um pouco mulheres “carentes de personalidade e caráter”. De fato, se a mulher só existisse na ficção escrita pelos homens, poderíamos imaginá-la como uma pessoa da maior importância: muito versátil; heroica e mesquinha; admirável e sórdida; infinitamente bela e medonha ao extremo; tão grande quanto o homem e até maior, para alguns. Mas isso é a mulher na ficção. Na realidade, como assinalada o professor Trevelyan, ela era trancafiada, surrada e atirada no quarto.

Uma criatura muito estranha, complexa, emerge então. Na imaginação, ela é da mais alta importância; em termos práticos, é completamente insignificante. [...] Domina a vida de reis e conquistadores na ficção; na vida real, era escrava de qualquer rapazola cujos pais lhe enfiassem uma aliança no dedo. Algumas das mais inspiradas palavras, alguns dos mais profundos pensamentos saem-lhe dos lábios na literatura; na vida real, mal sabia ler e escrever e era propriedade do marido (WOOLF, 1985, p. 55-56).



As reflexões de Virginia Woolf direcionam para a representação das mulheres por parte dos homens e de como essas personagens da literatura são dissonantes das mulheres reais. Para além de uma lacuna histórica da qual Woolf também comenta em seu ensaio, é possível verificar essa discrepância entre as mulheres escritas pelos homens e as da vida real a partir do momento em que as mulheres começaram a ocupar espaços, mesmo a contragosto, os quais não eram destinados a elas.

No século XIX do Brasil, quando Nisia Floresta publicou seu livro *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (1832), uma tradução livre de *A Vindication of the Rights of Woman* de Mary Wollstonecraft, tinha-se então um escrito em português o qual tratava do direito das mulheres à instrução e ao trabalho, naquele espaço da escrita exigia-se que as mulheres fossem “consideradas inteligentes e merecedoras de respeito” (DUARTE, 2003, p.153). Constância Duarte explica que Nisia Floresta teria identificado que as desigualdades relacionadas à inferiorização das mulheres seriam uma construção sociocultural. Nessa conjuntura, Duarte analisa que Floresta enxergaria que homens se beneficiariam da opressão feminina. Ela ainda aponta que Nisia não apresenta apenas uma tradução convencional, mas sim “assimila as concepções estrangeiras e devolve um produto pessoal em que cada palavra é vivida e os conceitos surgem extraídos da própria experiência” (DUARTE, 2003, p. 154).

Nos últimos momentos do mesmo século, a potiguar Auta de Souza releva personagens femininas que também não são apresentadas da forma como as dos poetas e dramaturgos mencionados por Virginia Woolf. *A noiva*, poema de Auta publicado no *A República de Natal* em 1894, por exemplo, apresenta uma noiva descrita da seguinte forma:

E a noiva passa assim casta e nervosa
A cabecinha pálida inclinando...
Da capela uma flor vem resvalando
Pela macia frente perfumosa

Sem tirá-la e levando a mão ao rosto,
E fita sua mãe cheia de amor,



Sente-se presa de infantil desgosto [...] (SOUZA, 2009, p. 270).

Aqui, a poetisa descreve sua noiva “presa de infantil desgosto”, caminhando para o altar. Zélia Lopes observa o seguinte: “Auta de Souza descreve apenas as duas mulheres, mãe e filha. A mãe relembra a mesma imposição vivida por ela” (LOPES, 2018, p. 20). Mais uma vez, a representação de mulheres no espaço literário construído por uma mulher não corresponde àquela citada por Woolf. A noiva autiana, quando investigada a sociedade oitocentista, parece condizer mais com a realidade da condição de sujeito subalternizado¹ (SPIVAK, 2010).

Nísia Floresta e Auta de Souza são dois exemplos do século XIX do Brasil que tomados à luz das reflexões já expostas de Virginia Woolf podem nos fazer pensar sobre como a representação da mulher na literatura pode alcançar expressões diversas a partir de quem a constrói. Todavia, algumas dessas representações não condizem com a conjuntura social na qual foi escrita ou falam de personalidades que parecem ser exceções à regra, as quais escapam do caráter real da condição na qual as mulheres estiveram submetidas durante vários séculos. Em contrapartida, a leitura de obras escritas por mulheres pode nos dar pistas mais condizentes sobre quais espaços o feminino ocupava e sobre os condicionamentos do patriarcado sobre a vida de inúmeras mulheres.

Se tratando do século XIX brasileiro, junto a Nísia Floresta e Auta de Souza, elenca-se nesta leitura Maria Firmina dos Reis, a qual será elemento de análise do presente texto. Assim como Nísia e Auta, mas certamente entre estas os meios foram diversos para alcançar tal faceta, Firmina conseguiu apropriar-se das letras e, bem como suas colegas de escrita, tornou seu espaço literário uma possibilidade de análise sobre como as mulheres enxergavam a sociedade na qual viviam, bem como transformaram a educação,

1 Gayatri Spivak indica que “subalternizado” diz respeito a grupos marginalizados da sociedade. Tal condição apresenta-se na história a partir das categorias de raça, classe, gênero dentre outras. Spivak explica que a condição subalterna indica não poder falar por si próprio e não ter uma representação de si mesmo (SPIVAK, 2010).

elemento de exclusão,² em arma para deixar seus registros, pensamentos e vozes femininas denunciante. Reis nasceu em 1822, no Maranhão. Tornou-se professora das primeiras letras e é creditada com primeira romancista mulher brasileira com seu livro *Úrsula* de 1859. Firmina dos Reis era mulher e negra, ocupou espaços que não lhes eram destinados, bem como vem sendo reconhecida nas últimas décadas por suas representações no espaço literário.³

O presente artigo tem como objetivo analisar a voz feminina de Maria Firmina dos Reis no meio literário, buscando perceber a partir de suas ideias diretas e de representações de personagens femininas possíveis leituras da sociedade da época no tocante ao lugar das mulheres em tal conjuntura. Assim, Firmina dos Reis aparece como parte de uma teia de mulheres que começaram a escrever no século XIX, como foi possível perceber a partir dos exemplos de Nísia Floresta e Auta de Souza. A escrita oferece pistas sobre a sociedade na qual quem escreveu viveu, bem como sobre sua experiência e olhar acerca de tal contexto. Como afirmam Bárbara Daibert e Tatiane de Moraes: “Maria Firmina dos Reis foi uma mulher de opinião forte e posicionamento abolicionista, participou ativamente da vida intelectual maranhense escrevendo para a imprensa local, publicando livros e participando de antologias e movimentos políticos” (DAIBERT; MORAIS, 2020, p. 77).

Busca-se, ao elencar Nísia e Auta primeiramente para então abordar Maria Firmina dos Reis, figura central da presente análise, perceber uma cultura política no meio literário do século XIX no que diz respeito a mulheres escrevendo, ainda que a contragosto de muitos, e denunciando, quando não abertamente, mas nas en-

- 2 A educação culta era voltada para os homens. No caso das mulheres, quando ocorria, a educação tinha como objetivo a formação de esposas e mães. Como indica Norma Telles, o século XIX é considerado o século do romance, bem como o período no qual as mulheres começaram a demonstrar grande força na escrita. Todavia, apesar de haver a participação de algumas mulheres em espaços públicos, essa presença tendia a ser mal vista (TELLES, 2018).
- 3 Régia Agostinho, por exemplo, elogia o protagonismo dado ao negro escravizado na literatura firminiana. Agostinho observa que Maria Firmina dos Reis não representou o escravizado como uma mera vítima da sociedade, inerte nela, mas sim, como indivíduo crítico (AGOSTINHO, 2011). Eduardo Duarte, por sua vez, indica o pioneirismo de Firmina dos Reis como “primeira afrodescendente a publicar um romance no Brasil.” (DUARTE, 2018, p. 223).



trelinhas, uma sociedade patriarcal. Não apenas isso, mas também é possível perceber a atuação política dessas mulheres quando colocam seus escritos em circulação, subvertendo a “ordem natural” socioculturalmente construída das coisas. Para tal análise, já considerando as breves explicações acerca de suas coetâneas Nísia Floresta e Auta de Souza, serão analisadas algumas personagens de Maria Firmina dos Reis do romance *Úrsula* (1859) e do conto *A Escrava* (1887). Também será analisado o prólogo do referido romance, a fim de que seja possível perceber algumas concepções da autora acerca do espaço o qual ela buscou transitar ao publicar sua obra.

Como a reflexão de Virginia Woolf que abre o presente trabalho indica, as representações de mulheres na ficção por parte de homens conferem uma larga dissonância da realidade social de tais sujeitos. Por sua vez, os escritos de mulheres, quando estes aparecem, especialmente no século XIX, trazem representações do feminino os quais carregam outras leituras de sociedade.

Quando Linda Nochlin, historiadora de arte, problematiza com “por que não houve grandes mulheres artistas?” (NOCHLIN, 2016, p. 3), ela traz uma tentativa de resposta que, embora não seja suficiente, parece razoável. Essa resposta diria respeito a um “estilo feminino” que poderia envolver a produção artística das mulheres. Como já mencionado, essa resposta não é suficiente, mas é razoável na medida em que “em geral, a experiência e a situação da mulher na sociedade – e logo, a da artista – é diferente da do homem” (NOCHLIN, 2016, p. 5). Aqui, é possível chamar atenção para como a experiência pode e certamente conduz olhares e expressões. Como bem elucida Djamila Ribeiro acerca do lugar de fala, o lugar social do indivíduo influencia seu discurso. O lugar ocupado por uma mulher a faz ter experiências e perspectivas distintas. No caso da mulher negra, esses elementos se diferem da mulher branca ou do homem negro, vale ressaltar (RIBEIRO, 2017).

Assim, a literatura se mostra como espaço construído por discursos os quais estão intrincados de interferências da experiência do indivíduo que o constrói. A escrita, assim, é aferida, de acordo com Aleida Assmann, como suporte e meio de eternizar memórias (ASSMANN, 2011) bem como se apresenta como “atividade concreta que



consiste, sobre um espaço próprio, a página [...] página em branco: um ‘espaço próprio’ circunscreve um lugar de produção para o sujeito” (CERTEAU, 1994, p. 204).

Tomando tais considerações feitas até então, pode-se voltar-se ao conceito de “cultura política” para pensar a circulação de ideias de mulheres no século XIX do Brasil, analisando o caso de Maria Firmina dos Reis não isoladamente, mas como parte de uma teia a qual ainda não pode-se chamar de “consciente” ou “coordenada”, todavia, há indícios dessa produção, como já exemplificado a partir de Nísia Floresta e Auta de Souza.

Para pensar o conceito de cultura política é importante ressaltar a renovação da história política, bem como da renovação de perspectivas acerca das fontes para o ofício do historiador⁴. Acerca das fontes, especialmente, tem-se a literatura como elemento de análise. Antonio Celso Ferreira afirma que “devem interessar à pesquisa histórica todos os tipos de textos literários, na medida em que sejam vias de acesso à compreensão dos contextos sociais e culturais” (FERREIRA, 2009, p. 71).

Como a cultura política pode dialogar com a presente proposta? Quais as perspectivas atuais da história política? O que ela é? Eliana Dutra aponta Serge Berstein o qual indica a relação do ator política e do conjunto de referências e representações compartilhadas por um grupo, tal sistema de representações, portador de normas e valores constituintes de grandes famílias políticas, seria a cultura política para o autor. Eliana Dutra, ainda se detendo a Berstein, indica que este lança mão, em seu projeto analítico, da memória como importante elemento de análise das culturas políticas sendo estas também “codificadas e transmitidas pela memória” (DUTRA, 2002, p. 26-27).

A história nova critica o caráter engessado da história política que busca o político única e exclusivamente nas ligações diretas com o Estado, isolando diversos grupos e expressões da categoria política.

4 Jacques Le Goff ao refletir sobre a história nova, critica a história política (indicando a luta dos Annales, com Lucien Febvre e Marc Bloch, contra tal categoria) pela perspectiva do modelo da história-narrativa, a qual abordaria seus objetos de estudo de forma superficial e sem considerar a pluralidade das causas (LE GOFF, 1990). No presente trabalho, o conceito de cultura política parte da renovação da história política, a qual busca perspectivas contrárias às criticadas pela história nova.

Todavia, no campo da renovação da perspectiva de tal categoria da história, Rémond indica que “poucos domínios escapam da política” (RÉMOND, 1994, p. 17). Ele também sugere uma defesa do historiador político que por vezes foi acusado de só ter interesse em um pequeno grupo que, geralmente, tinha ligação com o Estado. O autor aponta que pensar o político desta forma é reduzi-lo e que quando há interesse apenas por uma elite, a história política parece muito limitada. Ele indica o seguinte: “se refletirmos, veremos que o político não interessa subjetivamente apenas aos políticos profissionais, nem se reporta objetivamente só a eles” (RÉMOND, 1994, p. 17) e ainda pode-se dizer que “nem tudo é político, que não se deve reduzir tudo à política, que o político não está sozinho e isolado, mas guarda relações com o resto, com as demais expressões da atividade humana e com a sociedade civil.” (RÉMOND, 1994, p. 19).

Rodrigo Motta, ao discutir estudos que buscam renovar os horizontes sobre a cultura política, afirma que inspirados em Bershtein e Sirinelli, os historiadores franceses buscam pela pluralidade das culturas políticas, enfatizando, por exemplo, as diferenças dentro de um mesmo espaço nacional e até mesmo as disputas de espaço. Aqui, entra a reflexão acerca de conceber a cultura política plural e a singular, não procurando pensá-las como incompatíveis, mas elencando uma categoria para analisar determinado recorte (MOTTA, 2014). Pensando na pluralidade de culturas políticas em um território, pode-se apontar, por exemplo, escritos⁵ que façam manutenção de ideias patriarcais,⁶ bem como outras expressões da sociedade, assim como é possível, coetaneamente e no mesmo território, existir uma teia de produção literária que direta ou indiretamente denuncie a subalternização das mulheres e reivindique determinados espaços.



5 No artigo “Retratos” de mulheres na literatura brasileira do século XIX, Silvana Lopes analisa representações das mulheres de caráter tradicional e depreciativo, a partir de uma ótica masculina (LOPES, 2011).

6 Sobre o conceito: “o patriarcado é um conceito que surge inicialmente para designar um regime de organização familiar, onde o pai, como chefe, tinha poder irrestrito sobre os membros da família. [...] No interior da teoria feminista, tal conceito surge para denominar as relações desiguais de dominação dos homens sobre as mulheres.” (ALMEIDA, 2010, p. 23).

Tendo escritos como fonte a qual pode-se pensar enquanto espaço político, Magno Santos aponta que os livros dão indícios para estratégias de difusão de culturas políticas uma vez que tais narrativas podem ser concebidas “como um importante instrumento de difusão dessas leituras comuns de passado e projetos de futuro” (SANTOS, 2017, p. 106). Assim, os livros, como suporte da memória, podem guardar a construção de uma leitura de sociedade comum a determinado grupo identitário, corroborando, assim, para uma teia de escritos de cultura política comum.

Outro exemplo para se pensar os escritos como espaço de culturas políticas é a análise de Paul Juan Vásquez sobre a historiografia do século XIX latino-americano. Seguindo pela ideia de renovação da história política, Vásquez também afirma que a nova história política direciona o olhar aos discursos dos grupos “menores” do “jogo político” evidenciando-os a partir de diversas expressões no espaço público. Tal renovação diz respeito à atenção “nos comportamentos políticos de diferentes conjuntos dentro da sociedade” (VÁSQUEZ, 2018, p. 28).

O século XIX, em sua ambiguidade⁷, é permeado por mulheres que começaram a escrever. Tal escrita, ainda que apareça timidamente ou sofra duras críticas, é um espaço primordial de denúncias da sociedade. Como já mencionado, proponho observar a manifestação de vozes femininas nos escritos do oitocentos. Pode-se citar Nísia Floresta e Auta de Souza como mulheres que em seus escritos mostraram observações sobre o lugar da mulher na sociedade oitocentista. Nesse contexto, ao elencar Maria Firmina dos Reis para análise principal, pode-se pensar que a autora trouxe em sua literatura uma leitura de sociedade que partiu de determinado lugar de fala e experiência. Essa leitura pode ser analisada a partir de duas perspectivas: o fato de em suas obras as vozes femininas denunciarem diversas conjunturas da sociedade do oitocentos e a exposição do lugar da mulher em tal sociedade, especificamente, a partir do prólogo do seu romance e da personagem Úrsula.

7 Norma Telles indica que o século XIX foi o século do romance e momento em que as mulheres passaram a mostrar maior expressão no meio literário, todavia, no oitocentos as mulheres também “eram excluídas de uma efetiva participação na sociedade, da possibilidade de ocuparem cargos públicos, de assegurarem sua própria sobrevivência e até mesmo impedidas do acesso à educação superior” (TELLES, 2018, p. 408).



Vásquez apresenta algumas investigações dedicadas ao estudo e desenvolvimento das culturas políticas peruanas no século XIX. Ele aponta que o republicanismo é um dos temas que atravessam os textos de história política acerca do século XIX peruano. O autor diz que há a presença, no mencionado século, de um “completo movimento de difusão local dos valores, crenças, atitudes, mitos e práticas republicanas” (VÁSQUEZ, 2018, p. 39). No caso do século XIX brasileiro, no que diz respeito ao lugar da mulher, é possível ver uma cultura política que reivindicava espaços e denunciava uma conjuntura social a qual privava a mulher de determinados papéis. Essa cultura política não anula, vale ressaltar, a presença de uma ou de várias outras culturas políticas que faziam a manutenção do patriarcado em diversas expressões, incluindo a literatura.

Uma voz que compõe a teia: Maria Firmina dos Reis

287



Esta parte do trabalho dedica-se a analisar três enunciados de Maria Firmina dos Reis: o primeiro diz respeito à senhora abolicionista do conto *A escrava* (1887); o segundo trata-se da personagem Úrsula do romance homônimo (1859); e por fim o prólogo do mencionado romance.

Retomando a Eliana Dutra, é pertinente pensar que as culturas políticas podem ser transmitidas pela memória e a escrita é considerada um meio eternizador desta (ASSMANN, 2011). Assim, eis o enunciado da senhora abolicionista de Maria Firmina dos Reis, uma experiência histórica de cultura política no Brasil.

— Admira-me, – disse uma senhora de sentimentos sinceramente abolicionistas; – faz-me até pasmar como se possa sentir, e expressar sentimentos escravocratas, no presente século, no século dezenove! A moral religiosa e a moral cívica aí se erguem, e falam bem alto esmagando a hidra que envenena a família no mais sagrado santuário seu, e desmoraliza, e avilta a nação inteira! (REIS, 2018, p. 164).

Como bem elucida Rodrigo Motta, as culturas políticas são plurais em determinado território. Elas podem coexistir e se expressa-

rem pelo mesmo meio. Essa passagem do conto *A escrava* de Maria Firmina dos Reis, escrito em 1887, nos releva uma voz abolicionista e feminina demonstrando aversão à sociedade ainda escravocrata da época. Além disso, lançando mão da referência de temporalidade, podemos observar que o conto foi escrito um ano antes da *Lei Áurea* do Brasil e o enunciado aqui exposto pode nos releva a movimentação abolicionista do contexto em que Firmina deu voz à sua senhora abolicionista.

Para além da análise acerca das denúncias à escravidão e das culturas políticas plurais existentes na época, tendo em vista a existência de uma parcela pró-escravista e outra abolicionista e de tais ideias serem expressas em meios culturais como a literatura, por exemplo, pode-se ressaltar o fato de a denúncia sobre o escravismo se dá a partir da voz feminina da senhora abolicionista de Maria Firmina dos Reis. Em uma sociedade em que o espaço público e, conseqüentemente, o político era negado às mulheres ou estas eram mal vistas quanto caminhavam por tais esferas, Firmina dos Reis elege as mulheres de sua literatura para falar da sociedade do oitocentos. É possível, assim, percebê-la enquanto parte de uma produção literária do século XIX que trazia esses retratos da sociedade a partir da perspectiva feminina.

O romance *Úrsula* (1859) é especialmente elogiado em virtude de sua representação dos escravizados, sendo o lugar de fala de Maria Firmina dos Reis, enquanto mulher negra, elemento de extrema importância para pensar na sua leitura de sociedade possivelmente expressa a partir da construção de seus personagens. Aqui, a perspectiva do lugar da mulher na sociedade é notória também. O romance é uma tragédia a qual se dá a partir de um mesmo algoz: um homem, o tio de *Úrsula*, que tira dela tudo o que lhe era precioso em nome de um amor incestuoso e destrutivo. O capítulo XX da obra, especialmente, traz o retrato de *Úrsula* padecendo após todo o sofrimento que lhe aconteceu, ocasionado pela perseguição do comendador Fernando P.: “*Úrsula* sorria, afagando invisível sombra, mas esse sorriso era débil e vaporoso – era o derradeiro esforço de uma alma que está prestes a quebrar as prisões do corpo” (REIS, 2018, p. 133). A partir da sucessão de tragédias ocorridas com *Úr-*



sula, com sua mãe e com os escravizados que tentaram lhe ajudar, cujo culpado era um mesmo homem, o seu tio, pode-se aferir que a desfortuna seria o único destino possível de uma mulher na conjuntura da sociedade em que Firmina dos Reis escreveu.

Adriana de Oliveira, ao analisar Úrsula e outras personagens mulheres da obra homônima, diz o seguinte: “A partir da representação da maioria das figuras femininas presentes em Úrsula, podemos encontrar também, em vários aspectos uma visão crítica daquela sociedade no que se refere ao lugar ocupado pelas mulheres e ao tratamento dispensado a elas” (OLIVEIRA, 2007, p. 73).

Outro enunciado pertinente para se pensar as denúncias quanto ao lugar imposto às mulheres no oitocentos é o que envolve o ex-escravizado Túlio, o qual recebera sua liberdade das mãos do jovem branco Tancredo como gesto de gratidão pelo fato do primeiro ter salvado a vida do segundo. A voz narradora faz o seguinte comentário: “E Úrsula invejava vagamente a sorte de Túlio e achava maior ventura do que a liberdade poder ele acompanhar o cavaleiro [Tancredo]” (REIS, 2018, p. 30). Para Oliveira, o romance faria críticas aos limites impostos às mulheres, sendo estas subalternizadas na sociedade oitocentista tal como eram os negros escravizados, estando ambos em aprisionamento. Ela afirma:

Considero Úrsula um romance sobre a opressão que a mulher do Brasil oitocentista sofria, por pertencer a uma sociedade patriarcal na qual a mulher, na maioria das vezes, vivia completamente isolada, sem direito a participar do espaço público e alijada da vida cultural, política e social. E também um romance sobre a violência da escravidão provenientes da África e seus descendentes, cujos opressores eram os mesmos senhores que oprimiam as mulheres, aliando, assim à denúncia do machismo e do racismo (OLIVEIRA, 2007, p. 93).

Para encerrar a presente análise, será abordado o enunciado que diz respeito também ao romance Úrsula. Maria Firmina dos Reis, no prólogo de seu romance, também se expressa de maneira a dar indícios dessa leitura de sociedade a qual remete a uma conjun-



tura de dominação masculina e inferiorização da mulher, bem como apresenta retratos do lugar da mulher, especialmente no que diz respeito ao espaço público e à educação:

Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume.

Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem; com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo (REIS, 2018, p. 12).

290



É pertinente retomar aqui as reflexões iniciais feitas a partir do ensaio de Virginia Woolf. Ela denuncia que na imaginação de algumas obras feitas por homens, especialmente as que vão até o século XVII, as mulheres apareceriam como dominadoras e de alta importância. Entretanto, essa figura “em termos práticos, é completamente insignificante” (WOOLF, 1985, p. 56). Outro ponto encontrado na literatura já no século XIX no recorte do Brasil, é o que Silvana Lopes, aqui já mencionada, indica:

A literatura de ficção do século XIX expressava, explícita ou implicitamente, um caráter pedagógico, espelhando e difundindo comportamentos femininos socialmente desejáveis.

Havia um modelo que se impunha quanto ao papel social de mulher: o de esposa e mãe. Esse modelo permeia todos os romances, independentemente da filiação literária e das diferenças nas posições políticas assumidas ou historicamente atribuídas a seus autores.

Por que romancistas tão distintos reforçariam, direta ou indiretamente, o mesmo modelo social de mulher e veiculariam um mesmo padrão de comportamento? A contextualização histórica sugere que a sociedade

continuava a exigir esses mesmos papéis sociais, apesar das mudanças pelas quais passava (LOPES, 2011, p. 136-137).

A partir dos pontos indicados por Woolf e por Lopes é possível identificar uma dupla desfiguração da imagem das mulheres na ficção: uma que, quando as mulheres aparecem enquanto personagens na literatura, são representadas como dominadoras e poderosas; outra, mediante as reivindicações de espaço, como sugere Lopes, os autores promovem um discurso que buscaria “colocar a mulher em seu devido lugar”, fazendo assim uma rede de escritos os quais buscam por moldar a mulher ideal, para que os leitores e possíveis leitoras não sejam encorajadas a emancipar suas ideias.

Ainda se tratando do ensaio *Um Teto Todo Seu*, Woolf aponta que as mulheres eram recebidas na sociedade como alguém incapaz intelectualmente de produzir e que nada de bom poderia sair delas. A opinião masculina voltava-se, hegemonicamente, a isso. Algo que é possível notar no prefácio de Olavo Bilac para o livro de poemas *Horto* de Auta de Souza.⁸ Maria Firmina dos Reis não deixa de colocar tal percepção em seu prólogo. A autora se coloca no lugar de alguém com educação pouca, algo que por si só já denunciaria a condição educacional das mulheres no oitocentos. Ela faz questão de ressaltar que aquela obra foi escrita por uma mulher, “e mulher brasileira” (REIS, 2018, p. 13). Além disso, ela aponta os homens como grandes críticos e, por que não dizer, censuradores das mulheres que buscam o espaço das letras, ela ressalta que seu romance é “sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem” (REIS, 2018, p. 13). Essa “correção” a qual caberia aos homens, bem como o que Firmina dos Reis diz sobre o “riso mofador” (REIS, 2018, p. 13) pelo qual seu livro poderia passar em muito tem consonância com as reflexões de Virginia Woolf sobre as opiniões masculinas acerca das mulheres escreverem: “O mundo dizia numa gargalhada: ‘Escrever? E que há de bom no fato de você escrever?’ [...] havia uma enorme maioria de opiniões masculinas no sentido de que nada se poderia esperar

8 Ver nota de rodapé número 2.

das mulheres intelectualmente” (WOOLF, 1985, p. 66-67). A mesma crítica sofrera Auta de Souza no prefácio de seu próprio livro, como já indicado.

Se tratando da educação feminina no Brasil, Firmina dos Reis parece demonstrar forte consciência da falta de instrução das mulheres, visto que a educação formal feminina geralmente era muito desvalida. Sobre tal constatação, Adriana Oliveira diz o seguinte:

Ao declarar sua condição de “mulher, e mulher brasileira” cuja educação era superficial, Firmina dos Reis pede desculpas por estar publicando um livro, pois estava consciente que a mulher não era bem recebida no meio literário; e parece querer demonstrar claramente sua intenção de especificar de que lugar está falando e de assumir a diferença.

No entanto, cabe-nos interrogar o sentido dessas palavras. Estariam elas expressando somente um reconhecimento da impossibilidade de a mulher participar do mundo literário em pé de igualdade com o homem, graças à educação deficiente, ou também estariam carregadas de uma conotação irônica? Creio que tal afirmação, ao mesmo tempo em que parece ter objetivo de alcançar a condescendência do leitor, pode também ser lida como ironia.

Uma coisa é certa: esse reconhecimento da falta de instrução formal satisfatória para as meninas brasileiras daquela época possui um tom de reprovação e se constitui em uma denúncia àquela realidade (OLIVEIRA, 2007, p. 70-71).

Mais uma vez é possível perceber que o espaço literário é campo de um discurso de denúncias que diz respeito a determinado grupo em detrimento de outro, ainda que a consonância de um grupo possa não ocorrer de forma totalmente coordenada, as mulheres no século XIX escreviam e colocavam em sua escrita a visão da sociedade do oitocentos a partir da experiência e da perspectiva femininas. A partir de personagens mulheres, como a senhora abolicionista, que subverte o lugar socioculturalmente construído no qual deveria permanecer a mulher, se colocando como alguém que



caminha pelo espaço público e fala de política, levantando a bandeira do abolicionismo, bem como de Úrsula a qual teve toda sua vida arruinada por causa de um homem cujas características são essencialmente da figura tradicional do patriarca, é possível perceber críticas a essa sociedade em que às mulheres eram ditados os lugares os quais elas poderiam ocupar. Também é notória a crítica acerca da dominação masculina e de sua performance que ocasionava uma sucessão de infortúnios, essencialmente para os subalternizados.⁹ Ainda, no próprio prólogo do romance em questão, as falas da autora já sinalizam para críticas quanto ao lugar da mulher na sociedade oitocentista do Brasil.

Considerações finais

Antes praticamente nulas das produções literárias, as mulheres quando começam expressivamente a escrever, passam a ser ridicularizadas e até mesmo o que deveria ser elogioso, é permeado por críticas e inferiorização em suas entrelinhas. É notório o fato de que as representações femininas ganham outro tom a partir da escrita de mulheres e de como esse aspecto é pertinente para investigar denúncias da conjuntura de determinados momentos da história, no caso deste trabalho, do século XIX: como a escrita de Maria Firmina dos Reis, dentre outras escritoras, apresentam um discurso sobre o doloroso peso do patriarcado na vida das mulheres, seja por meio de personagens ou de reivindicações diretas.

Pensando no conceito de cultura política, é possível perceber a existência de discursos múltiplos acerca do papel da mulher na sociedade do oitocentos, constatação que reafirma o que Rodrigo Motta aponta sobre a pluralidade das culturas políticas coetâneas e em um mesmo território (MOTTA, 2014). Assim, a literatura consiste em uma fonte fecunda para analisar a existência de tais discursos, visto que o espaço da escrita pode em muito sinalizar para projetos de uma sociedade, seja para o futuro ou para manutenção de determinados papéis.

9 Aqui utilizando-se do já discutido conceito de Gayatri Spivak (2010).

Ao elencar a literatura de Maria Firmina dos Reis como parte de uma teia de autoras mulheres que estavam escrevendo e denunciando o patriarcado, fez-se pertinente apresentar, ainda que brevemente, exemplos de outras mulheres do século XIX que estavam caminhando no espaço público da produção literária, ainda que longe de estarem em pé de igualdade com os homens, algo que se deixa muito em evidência a partir de determinadas análises de enunciados das próprias autoras, como é o caso do prólogo de Firmina dos Reis para seu romance *Úrsula*. A existência de um discurso que busca a manutenção dos papéis sociais que mantém a dominação masculina e de outro que lança críticas a esse sistema é notório no oitocentos e é pertinente lançar olhar para fontes que até muito recentemente eram tidas como inferiores. O espaço literário se mostra valioso quanto a essas percepções: é um palco da pluralidade de culturas políticas e cabe ao historiador investigar esses discursos.

294

Referências

AGOSTINHO, Régia. A mente, essa ninguém pode escravizar: Maria Firmina dos Reis e a escrita feita por mulheres no Maranhão. *Leitura. Teoria & Prática*, v. 56, p. 11-19, 2011.

ALMEIDA, Janaiky Pereira. *As multifaces do patriarcado: uma análise das relações de gênero nas famílias homoafetivas*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CCSA. Serviço Social, 2010.

ASSMANN, Aleida. *Espaço da recordação: formas e recordações da memória cultural*. Tradução: Paulo Soethe.- Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. As artes de fazer*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

DAIBERT, Bárbara I. R. Simões; MORAIS, Tatiana Carvalho de. Memórias apagadas: o abolicionismo e a voz-liberdade de Maria Firmina dos Reis no século XIX. *Espacialidades*, v. 16, n. 2, 18 jul. 2020, p. 76-95.

DUARTE, Constância Lima. *Feminismo e literatura no Brasil*. Estudos avançados. vol. 17, n. 49, 2003.

DUARTE, Eduardo de Assis. Escravidão e Patriarcado na Ficção de Maria dos Reis. *Estudos Linguísticos e literários*. n. 59, Jan-jun. 2018, Salvador: p. 223-236.

DUTRA, Eliana R. de Freitas. História e Culturas Políticas: Definições, usos, genealogias. *Varia História*, n. 28, p. 13-48, dez. 2002.

FERREIRA, Antonio Celso. Literatura: a fonte fecunda. In: PINSKY, Carla; LUCA, Tânia de (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

LE GOFF, Jacques. *A História Nova* [tradução Eduardo Brandão]. – São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LOPES, Silvana Fernandes. “Retratos de mulheres na literatura brasileira do século XIX”. *Revista Plures Humanidades*, Vol. 12, n. 1, Ribeirão Preto, 2011., p. 117-140.

LOPES, Zélia Souza. *Hortografismo: negritude, espiritualidade e morte em Auta da Souza*. Dissertação (mestrado acadêmico) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudo Literários, 2018.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). *Culturas políticas na história: novos estudos*. Belo Horizonte: Fino Traço Argumentum, 2014.

NOCHLIN, Linda. *Por que não houve grandes mulheres artistas?* São Paulo: Aurora, 2016.

OLIVEIRA, Adriana Barbosa de. *Gênero e etnicidade no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Minas Gerais Belo Horizonte, 2007.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula e outras obras*. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018.

RÉMOND, Réne. Por que a história política? *Revista Estudos Históricos*. Vol. 7 n. 13. P. 9-19. jan-jun. 1994.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Ensino de História, espaços e cultura política bandeirante: José Scarameli e a escrita de livros escolares de História para crianças. *Revista História*, vol 5, n. 9, 2017, p. 104-125.

SOUZA, Auta. *Horto, outros poemas e ressonâncias: obras reunidas*. Natal: EDUFRN, 2009.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto. 2018.

VÁSQUEZ, Paul Juan Montoya. A cultura política na historiografia do século XIX latino-americano: o caso peruano; *Historiæ*. Rio Grande, v. 9, n. 2: 27-48, 2018.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

